

Os *Skinheads* analisados pelo cinema contemporâneo: *Um Skinhead no Divã* e *Tolerância Zero* (1993- 2001)

Rafael Hansen Quinsani¹
Israel Comaru²

RESUMO: Como ocorre a representação dos grupos chamados *Skinheads* pelo cinema contemporâneo? Partindo dessa questão, este trabalho busca analisar a representação do movimento *Skinheads*, suas origens e vinculações ao neonazismo. Para isso, utilizaremos como fonte os filmes *Tolerância Zero* e *Um Skinhead no divã*, que retratam o contexto estadunidense e europeu no final do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema-história; *Skinheads*; revisionismo.

ABSTRACT: How the groups called *Skinheads* are depicted by contemporary cinema? Parting from this question, this paper aims at analyzing the way the *Skinheads* movement is represented, its origins and links with the Neo-Nazism movement. In order to do so, we will use the films *The Believer* and *Tala! Det är så mörkt* as our sources, since they portray the American and European contexts in the late twentieth century.

KEY-WORDS: Cinema-history; *Skinheads*; revisionism.

¹ Doutorando em História pela UFRGS. Bolsista CAPES.

² Licenciado em História pela UFRGS.

Como ocorre a representação dos grupos chamados *Skinheads* pelo cinema contemporâneo? Partindo dessa questão, delineou-se a escolha de dois filmes que abordam contextos e marcos temporais diferentes. *Tolerância Zero* (EUA, realizado em 2001 e dirigido por Henry Bean) aborda o movimento *Skinhead* pelo enfoque da extrema direita, elemento de destaque na história desse país. *Um Skinhead no divã* nos apresenta o contexto da Suécia no início da década de 1990 (o filme foi realizado em 1993, dirigido por Suzanne Osten) e caracteriza o “neonazismo clássico”, já que ele se apresenta no continente que sofreu *in loco* as agruras do regime nazista. Assim, o presente estudo se propõe a compreender o período da década de 1990, com as consequências do final da Guerra Fria, a desilusão política e o fortalecimento de movimentos reacionários. Ao longo das análises, serão abordados os elementos que caracterizam o neonazismo e que têm sido alvo de um debate polêmico nas últimas décadas: o negacionismo e o revisionismo. Para caracterizar o movimento *Skinhead*, uma breve análise será realizada traçando suas origens, suas características e seu desenvolvimento.

O movimento *Skinhead*: Origens

Hoje, a menção da palavra *Skinhead* leva a uma quase instantânea conexão da imagem que ela evoca com o neonazismo e a xenofobia. Os exemplos visíveis no cinema procuram justamente reproduzir essa imagem, apesar de que nem sempre essa associação foi verdadeira.

A revolução cultural da década de 1960 e seus desdobramentos na década posterior tiveram como protagonistas uma série de “subculturas” jovens ou movimentos mais notadamente *Hippies*. Dentre essa série de grupos, estava aquele que viria a dar origem aos *Skinheads* no final dos anos 60, os *Mods*.

Surgidos no princípio da década em Londres e se espalhando por outras cidades industriais do sul da Inglaterra, os *Mods* descendiam principalmente das classes operárias. O visual de “*gangsterismo*” com cabelos curtos, terno e gravata e óculos escuros procurava representar os sinais da modernidade (palavra da qual derivou o nome do movimento), contrastando com outros movimentos da época: os *Rockers*. A valorização da rivalidade entre os dois grupos pela mídia e a postura agressiva dos *Mods* lhes rendeu uma grande popularização e, logo em seguida, uma descaracterização e dispersão do movimento.

Era a época dos *Hippies*, mobilização de jovens oriundos principalmente da classe média, que chegava ao seu auge na Inglaterra com o *Summer of Love*. O jovem operariado inglês reencontraria uma “subcultura” própria com o advento dos *Skinheads* ao final da década.

Muito mais do que reação aos *Hippies*, os *Skinheads* procuravam celebrar suas origens, e suas opções estéticas e de lazer demonstravam isso. Cabeças raspadas, calças jeans e botas pesadas, uma estética bem menos incrementada que seus antecessores *Mods*. Outras aproximações do ideal operário são o predomínio masculino no movimento, o consumo de cerveja como hábito de socialização e a paixão pelo futebol, esporte de massa e local social privilegiado para a disputa territorial entre grupos *Skinheads*.

No que diz respeito ao racismo, é muito difícil analisar a verdadeira posição desses primeiros *Skinheads*. Além da violência nas torcidas de futebol, os *Skinheads* ingleses ficaram notórios por uma série de agressões contra imigrantes paquistaneses. O que a primeira vista parece facilmente explicável

como preconceito social, torna-se mais complicado à medida que conhecemos mais alguns hábitos dos grupos *Skinheads*.

No que diz respeito à música, os *Mods* adotavam como referência a *Soul Music* e o *Rhythm and Blues*, ambos originários de comunidades negras do sul dos EUA. Os *Skinheads*, em suas festas, faziam algumas concessões às músicas preferidas dos *Mods*, mas cultuavam outros gêneros também nascidos em comunidades negras: o *Ska* e o *Reggae*.

Esses ritmos foram levados para Inglaterra por jovens imigrantes jamaicanos, que se estabeleceram em áreas de população proletária, ou seja, o território de origem dos *Skinheads*. Ao invés de abrir espaço para disputas violentas os “*Rude Boys*” – como eram conhecidos esses grupos de jamaicanos – despertaram a simpatia dos *Skinheads* a ponto de muitos músicos jamaicanos prestarem homenagem ao movimento.

A identificação entre *Skinheads* e *Rude Boys* durou pouco. Na década de 1970, um movimento de africanização do *Reggae* liderado pelo “*Rastafarism*” afasta definitivamente os dois grupos.

Com a perda de seu referencial musical, os *Skinheads* logo iriam se dispersar. Seu movimento tornou-se enfraquecido e estava entrando numa espécie de hibernação, deixando para trás alguns seguidores e novos grupos, para retornar alguns anos mais tarde, porém, numa conjuntura totalmente diferente.

Não fica claro como se dá a associação desses movimentos com o viés neonazista, mas as características anteriores da agressividade e da violência tornam o caminho interligado. Pode-se argumentar que os *Skinheads* “modernos” não apresentam uma vinculação direta com o movimento da década de 1960. Seria uma agregação efetuada num contexto de anomia cultural, referenciada por um substrato nazista ainda presente na sociedade contemporânea.

Tolerância Zero

A história retratada no filme *Tolerância Zero* (*The Believer*, realizado em 2001) tem como cenário os EUA, durante a década de 1990, na cidade de Nova Iorque. O personagem Danny é um judeu que deixa a família e passa a viver como um *Skinhead*, apontando para o comportamento do estereótipo neonazista: perseguição a judeus, idolatria ao nazismo, comportamento violento e uma vinculação a grupos de extrema direita. As ideias antissemitas de Danny, expressas de maneira contundente, lhe rendem prestígio em uma organização pró-fascista comandada pela personagem Lina.

A partir desse ponto, o personagem inicia uma ascensão cada vez mais destacada no grupo de *Skinheads* e no grupo de Lina, que lhes dá apoio para o planejamento de atentados contra a comunidade judaica, passando da tropa de choque para os círculos intelectuais da organização. Ao mesmo tempo, Danny é tomado pelo arrependimento, que o leva a retornar aos poucos aos costumes religiosos, incentivado por Carla, sua nova companheira.

O drama do personagem que vacila entre suas crenças e suas escolhas é intermediado por *flashbacks* de sua infância, de discussões com um rabino, e nas conversas com um sobrevivente de Auschwitz. O personagem Danny alterna sua posição de vítima e de carrasco, até chegar ao clímax, com o sacrifício do personagem em um atentado planejado por ele mesmo.

Durante a década de 1990, os EUA encontravam-se, depois de muito tempo, num período de baixo nível de padrão de vida entre as classes médias e baixas da população. Isso ocorreu em consequência das novas políticas econômicas do neoliberalismo. O desemprego gerado com a instalação de indústrias nos países de terceiro mundo, a diminuição da renda média do trabalhador e o aumento da desigualdade social aliaram-se a fatores como as novas ondas de imigrantes vindos da América Latina e Ásia, a desvalorização dos valores tradicionais da família, a grande confusão pelo excesso de dados da chamada “Era da Informação”, e finalmente a perda do principal antagonista: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Essa combinação de fatores serviu para criar uma grande paranoia na comunidade estadunidense e, como reação a isso, o chamado movimento patriótico insurge-se.

O movimento patriótico é traduzido através de uma ampla ideologia que tem ligações conhecidas com respeitadas organizações conservadoras, grupos supremacistas brancos, como a Ku Klux Klan, grupos neonazistas, fanáticos religiosos e também as milícias não organizadas, cuja representação mais famosa talvez seja a milícia de Montana. Defensor ferrenho das liberdades individuais, esse movimento tem como antagonista o próprio governo central dos EUA e toda intervenção deste no cotidiano das pessoas.

Não fica claro no filme se o grupo, ao qual Danny se agrega no sítio de Lina Moebius, é composto por umas dessas milícias ou não. Contra essa hipótese está o fato de que as milícias estadunidenses têm normalmente uma ideologia libertária, que valoriza fortemente as liberdades individuais, o que entra em choque com as ideologias de grupos neofascistas, como é o caso do grupo representado no filme. Este apresenta características mais comuns a diversos outros grupos de extrema direita estadunidense, como racismo e culto às armas.

Apesar de não se mostrarem tão fortes quanto os grupos europeus, já que sua representatividade política em esfera nacional é quase nula, e sendo esses grupos absorvidos em grande parte pelo partido Republicano, as organizações de extrema direita nos EUA contam, na visão de Rodriguez Jiménez, “com a vantagem de que seu universo mental, em que se mesclam fundamentalismo religioso, racismo branco, nacionalismo e um fetichismo pelas armas, são compartilhados, em maior ou menor medida, por um importante número de americanos brancos” (RODRIGUEZ JIMENEZ, 1998, p.137).

Há, no filme, uma clara divisão na organização comandada por Lina Moebius: um círculo intelectual, apresentado no começo do filme numa reunião em sua casa; e a presença da “tropa de choque” – ou milícia- representada pelos *Skinheads* e outros garotos encontrados no sítio, local que lhes serve de base.

É bastante claro que o enredo de *Tolerância Zero* impede a caracterização de Danny como o típico *Skinhead*, a começar pelo fato de ele ser judeu. Porém, a própria tentativa do personagem de se enquadrar no estereótipo esperado de um *Skinhead* ou neonazista já fornece pistas sobre as características do movimento apresentadas no roteiro.

O filme já começa apresentando este estereótipo, e, na primeira cena, Danny resolve perseguir um judeu no metrô. As hostilidades começam já na frente dos outros passageiros, que além de um olhar recriminador, nada mais fazem para impedir ou protestar contra a humilhação sofrida pelo jovem judeu.

Já fora da estação, o personagem passa para a agressão física espancando o rapaz até deixá-lo estirado no chão, em uma cena de violência gratuita que adquire conteúdos mais simbólicos quando se revela a natureza ambígua do personagem – o carrasco opondo-se à vítima, numa tentativa de agredir a si próprio. O antissemitismo é relacionado então, como a primeira característica do *Skinhead*, juntamente com sua vinculação ao neonazismo, apesar de se saber que nem sempre é obrigatória a ligação entre os dois movimentos.

A internet aparece, ainda que de forma muito rápida, como um elemento que compõe a caracterização do personagem logo nas cenas iniciais. Sabemos da importância da rede de organização e divulgação dos grupos de extrema-direita, e ao que parece, é através dela que Danny chega à reunião do grupo neofascista liderado por Lina Moebius.

Na reunião, fica clara uma divisão entre o grupo intelectual e os *Skinheads*. A própria presença do segundo grupo parece perturbar um pouco os outros participantes. Outra divisão importante diz respeito à questão racial. Enquanto Curtis Zampf discursa predominantemente sobre questões morais e econômicas, o personagem principal se mostra convicto em seguir as teorias raciais nazistas, ganhando certa simpatia dos outros participantes, indagando-os se o objetivo perseguido por todos eles não seria “Fazer como a Alemanha fez, mas desta vez, fazer certo”.

Em um desdobramento da mesma cena, surge a menção a outro estereótipo do movimento *Skinhead*. Ao ser inquirido por Carla sobre sua profissão, Danny responde ser operador de empilhadeiras. O filme não chega a mostrar ou fazer qualquer menção a uma atividade profissional do personagem. Ele poderia ser de fato um operário (ainda mais levando-se em conta a aparente simplicidade da casa de seu pai) ou poderia estar mais uma vez tentando se enquadrar no estereótipo que dele seria esperado.

Em uma continuação da sequência da reunião neofascista, uma discussão entre Lina e Curtis mostra o receio do grupo entre recrutar potenciais membros ou manter-se numa posição seguramente distante das questões antissemitas. O antissemitismo na extrema-direita americana costuma se vincular menos às teorias do arianismo e mais a uma acusação contra a especulação capitalista e o controle da grande mídia, ou seja, às teorias conspiratórias.

A questão racial retorna em outra cena rápida misturada ao comportamento violento de gangues, num conflito de rua contra um grupo de negros que estão em um carro. A questão da territorialidade, que entre os *Skinheads* europeus tem como palco privilegiado os estádios de futebol, numa grande cidade americana pode se expressar principalmente através do conflito com outros grupos marginais, como parece ser o caso da sequência em que se subentende um conflito entre os *rappers* e os *Skinheads*.

Outra cena crucial é a sequência que mostra a entrevista de Danny a um repórter (ou suposto repórter) do *New York Times*, em que o personagem discursa de forma eloquente sobre o antissemitismo, apresentando uma série de interpretações negativas da religião judaica. O argumento principal ocorre em torno do judaísmo, visto como uma doença. Para o personagem, os judeus teriam uma tendência à perversão, que se externa no hábito sexual e que seria transferida também para o meio profissional, na forma de perversão econômica e midiática. Essa tendência à perversão viria do caráter nômade do povo judeu, povo sem raízes que desenraíza os costumes tradicionais de outras

comunidades levando ao caos. Nesse discurso, Danny articula uma série de acusações comuns aos judeus (a especulação econômica e o povo sem raízes) com uma teoria da superioridade das raças e elaborados argumentos em favor dos valores tradicionais (mesmo que esses não fossem seguidos pelo personagem, como demonstra seu nada tradicional relacionamento com Carla, sua companheira).

A questão da sexualidade, já havia sido trabalhada por *Wilhelm Reich*, na obra *Psicologia das massas do fascismo*, na qual o autor se utiliza de uma análise no espectro da psicanálise para explicar a história criada pelo nazismo. Para Reich, a tradição repressiva da família patriarcal facilitou a consolidação do regime autoritário fascista e a oposição à liberdade sexual, típica da família pequeno burguesa, manipulada na forma de uma histérica defesa da ordem, família e religião. Esses aspectos são colocados em oposição ao Judaísmo e ao Comunismo, tidos como estímulos à depravação. Paradoxalmente, o livro de Reich foi bastante usado por grupos antissemitas e neonazistas no intento de demonstrar o apego do regime de Hitler aos valores tradicionais, e o desapego judeu a esses, numa clara deturpação do objetivo da obra (LOPEZ, 1992, p. 20-26).

A sequência da chácara, onde se instala o grupo de Danny a convite de Lina, mostra outro aspecto do movimento *Skinhead*: seu papel como tropa de choque dos outros grupos de extrema direita. Nas cenas subsequentes, o grupo realiza uma espécie de treinamento e dedica-se a uma atuação que varia do terrorismo (plano de explodir uma bomba em uma sinagoga) a simples arruaças (briga no restaurante judeu). É da punição por um desses atos que resulta uma das cenas mais importantes do filme, na qual o grupo de Skinheads participa de um curso de sensibilização promovido pelo governo.

O curso consiste em ouvir os relatos das experiências vividas por dois sobreviventes dos campos de concentração: um homem e uma mulher. É nessa cena que aparece a única menção ao negacionismo por parte de um dos integrantes do grupo, que declara que Auschwitz foi uma farsa, montada pelos aliados, o que é prontamente negado por Danny, para quem o holocausto assume um aspecto religioso, comparável às passagens bíblicas do sacrifício de Isac. É pela reconstituição do sofrimento do sobrevivente (repetida de várias formas durante o filme) que fica claro também, a dualidade vítima/carrasco do personagem principal. A partir desse momento do filme, Danny passa a oscilar entre um retorno às tradições judaicas e um papel cada vez mais ativo na organização. Um dos elementos mais interessantes para a análise dessa parte da película é a ascensão do personagem dentro do grupo neofascista e a possibilidade de integração ao grupo intelectual.

A primeira reação de Danny à proposta é novamente uma tentativa de se afirmar no estereótipo, negando sua própria intelectualidade: -“Eu sou igual aos outros”. O personagem acaba por aceitar a nova função e passa a realizar “palestras” sobre o antissemitismo para um grupo cada vez maior de pessoas.

Outra atribuição por ele desempenhada é angariar fundos para a organização. Nesse ponto, surge outra tendência da extrema direita americana que é a perda de financiadores importantes com o advento da nova ordem, ou seja, o fim da Guerra Fria e as reformas neoliberais. O empresário visitado por Danny responde ao pedido, afirmando que

quem dá as cartas daí por diante é o mercado, e este não se interessa se os consumidores são judeus ou não. É claro que o contexto dos anos de 1990 por não eliminar de forma derradeira o financiamento de grupos radicais de extrema direita, porém, é bastante provável que o discurso liberal da “comunidade mundial” tornou uma compreensível preocupação das grandes empresas a sua vinculação com tais grupos.

Por fim, a dualidade do personagem acaba por afastá-lo da organização da qual ele fazia parte: sua exposição pela mídia e seu crescente retorno à comunidade judaica, num misto de arrependimento e tentativa final de agressão, torna cada vez mais visível sua perturbação, e suas ações deixam de ter como referencial o estereótipo *Skinhead*/ neonazista.

Um Skinhead no divã

O contexto apresentado pelo filme *Um Skinhead no divã* (*Tala! Det är så mörkt*) realizado em 1993, apresenta a Europa recentemente saída da Guerra Fria. O filme mostra a relação entre o psicanalista Jacob e o *Skinhead* Sören, que se conhecem ao acaso e desenvolvem uma curiosa amizade. Seu contexto é a Suécia do começo da década de 1990 em meio à ascensão de grupos de jovens com pensamento característico de organizações e partidos de direita. Sören vive uma relação de pouca afetividade com os pais, apresenta o visual típico de um *Skinhead*, com os cabelos raspados, botas e símbolos neonazistas. Os dois travam uma relação que transita da amizade para a temeridade. Ao longo de suas conversas, as temáticas do neonazismo, do antisemitismo, do negacionismo e do revisionismo vão surgindo e colocando os personagens em constante questionamento.

A libertação das amarras da Guerra Fria gerou uma fragmentação marcada pela reestruturação tecnológica do sistema produtivo. É necessário apontar que as ações de grupos neonazistas também ocorrem em países do Leste europeu, aos quais não se pode atribuir como causa deste processo simplesmente o advento do comunismo, numa tentativa de associá-lo ao nazismo, pois havia ali a presença de uma extrema direita e de um forte nacionalismo, que levou, na maioria das vezes, ao desenvolvimento de uma forte xenofobia.

Tendo o processo de passagem para o capitalismo e para o modo de vida ocidental ocorrido aceleradamente, as ilusões por eles geradas eram tão grandes, que o seu impacto gera um sentimento contrário, de desencanto. Com o mercado incapaz de solucionar os problemas gerais dos cidadãos e, somando-se a isso o fato da despolitização e, de um desinteresse pela democracia, cresce a presença de grupos de extrema direita na Europa. Muitas vezes, esses movimentos agregam-se a novos nacionalismos, dotados de um caráter mais tribal, que têm seu enfoque no perfil étnico. O reforço dessa identidade nacional vem como uma resposta ao medo e à incerteza que as novas gerações vivenciam, mas não pode esquecer-se do fraco processo de desnazificação¹, que permitiu a perpetuação dos valores racistas e de extrema direita até os dias de hoje.

A inserção dos dois personagens do filme é apresentada de forma seca e nervosa. Desde o início, são marcadas as diferenças de posturas dos protagonistas. Jacob, sentado adequadamente dentro de um trem, observa um grupo de jovens em conflito do lado de fora. O jovem perseguido aparece na

sua frente respirando ofegantemente e com sangue escorrendo de sua testa. Ele treme de forma acentuada e a câmera em close foca sua testa destacando a palavra ódio tatuada na sua pele.

A composição dessa cena inicial, sem diálogos, compõe a dualidade que se desenvolverá ao longo do filme: uma relação entre duas pessoas estranhas, mas que através dos seus diálogos, encontram uma proximidade. A postura contemplativa de Jacob e o comportamento nervoso de Sören permearão todo o filme. A palavra “ódio” tatuada na testa de Sören, associada às suas vestimentas, caracteriza seu comportamento. É como se o seu pensamento transbordasse de seu interior e tentasse dominar o contexto ao seu redor. A imagem em *flashback* de Jacob quando criança, quando um soldado nazista coloca a espada em sua testa para não formar um calo após uma agressão, justapõe-se à visão que ele tem do nazismo, um elemento ameaçador e, aos olhos de uma criança, incerto quanto ao bem ou mal. A mesma atitude é colocada no contexto contemporâneo: que atitude pode-se esperar de alguém tão diferente, mas que apresenta uma conexão com sua história?

Jacob não hesita em convidar Sören para ir visitá-lo no hospital onde trabalha, o que permite dar prosseguimento ao relacionamento dos dois. Com cenas curtas, nos é apresentado o cotidiano de Sören, que justaposto aos diálogos realizados com Jacob, soluciona as respostas pretendidas, mas também insere questionamentos inquietantes.

Sören encontra-se em seu quarto, onde ouve música em alto volume e manuseia uma arma. O ambiente é escuro, obtuso, quase expressionista. No hospital, os personagens travam o primeiro diálogo sobre um tema que será recorrente: os estrangeiros. A intercalação do diálogo efetuado “quadro ante quadro”, contrapõe o preto das roupas do *Skinhead* ao branco do jaleco do médico, uma visualização da situação espiritual e do papel que exercem: o branco clarificador, que ilumina, ante o preto que encobre, obscurece elementos que serão transpostos para o debate sobre o negacionismo que ocorrerá mais tarde. Jacob coloca de forma seca e instantânea, uma pergunta que normalmente os psiquiatras tentam obter por meio de um diálogo mais construído: - “- Sua mãe não o quer com outras garotas?” Ao que Sören responde prontamente. “- Eu sei o que você pensa”. Desde o início, o relacionamento propõe-se a ser aberto e franco, apesar do estranhamento e do conflito inerente a dois opositores.

A partir desse ponto, os diálogos serão efetuados na residência de Jacob, o que traz um elemento a mais no relacionamento para o âmbito pessoal. “- Os estrangeiros querem se apossar de tudo”, destaca Sören. Com afirmações como estas, aos poucos é desvelado como se articula o pensamento do jovem *Skinhead*. Jacob pergunta: “- Por que usa botas pesadas?” e, mediante o silêncio, acrescenta: “- É preciso parecer um quando se é nazista, como os estrangeiros”. Esse diálogo é emblemático, pois Sören encontra-se de cabeça para baixo, numa equiparação à fala de Jacob, que ao compará-lo com os estrangeiros inverte a ótica de visão, tentando relativizar, colocá-lo no lugar do outro para a melhor compreensão da situação. E o desafio continua: “- O que você acha que as pessoas pensam sobre vocês como nazistas?”. Acrescenta: “- Tem medo?”. E conclui: “- Vocês se vestem igual para mostrar que são diferentes”. Ele inverte o argumento que ressalta a diferença dos *Skinheads* ante os imigrantes: Os *Skinheads* buscam a unidade, a uniformidade ante a diferença dos imigrantes. Todavia, Sören não sabe se colocar no lugar do outro, e para reverter a situação

ameaça quase fisicamente Jacob e ainda acrescenta: “- Você tem medo de mim”. O encurralamento do psiquiatra também perpassa a posição do espectador que fica intimidado ante a recusa de um diálogo mais reflexivo.

Depois da primeira menção à mãe, Jacob questiona Sören sobre o pai. Este confirma que ele não sabe de suas “consultas”. A indagação sobre se ele o agredia provoca uma reação exaltada de Sören que ameaça Jacob de morte. A partir dessas composições conclui-se que Sören é um adolescente perturbado, que não encontra seu lugar e está deslocado da sociedade em que convive. Diante de diferentes grupos e de um contexto que não compreende, o nervosismo e a inquietação marcam seu comportamento. Tal composição psíquica caracteriza mais o personagem do que seu caráter neonazista. Quando Jacob pergunta como ele se sente, a resposta é marcante: “- Segurando um bastão de dinamite com o pavio acesso”. Toda fragmentação e pulverização dos valores construídos nas décadas anteriores está inserida num vácuo cultural nas novas gerações, que diante da incerteza do futuro, retornam ao passado, à ideologia nazista, para encontrar um subterfúgio. Cabe destacar também a pouca eficácia do processo de desnazificação que permitiu a perpetuação dos elementos nazistas na sociedade. Até que ponto o preconceito se manteve enraizado e foi perpetuado pelas gerações?

Sören traça um perfil da atuação dos grupos sociais. Sua defesa se dá pelo fato de que os estrangeiros andam “- Em bando, em gangue”, mas se um deles sozinho o encontra, ele tem medo. Notadamente, as ações de violência de *Skinheads* ocorrem em grupo, eles não atuam sozinhos porque assim também são frágeis. Mas Sören confia na sua caracterização, que se impõe diante do meio social.

A cena da reunião do grupo de amigos de Sören, em sua casa, é apresentada como uma cerimônia ritualística. As atitudes e gestos, a música, suas roupas e a bebida configuram seus elementos culturais. O tom de imbecilidade e de confusão é acentuado pelos ângulos irregulares da câmera e pelos seus movimentos descontínuos.

Na cena seguinte, Sören e Jacob encontram-se sentados, ambos em divãs, e Sören relata que nos encontros com seu grupo de amigos, “- Às vezes bebemos”. E acrescenta: “- Somente, de porre para atirar bombas”. Ele, no entanto, não exagera, pois não quer perder o controle. A revelação daquilo que seria a manifestação concreta de seu pensamento só ocorre em estado de “irracionalidade”. No entanto, não querendo perder o controle, se coloca dentro da “racionalidade”. Sören deseja se mostrar e ser mais forte que seus pares, ser diferente, ao mesmo tempo em que deseja ser igual. Uma contradição da existência humana. Todavia, o motivo dos atos violentos não pode se dar sem a consciência do porquê dos atos. Essa “consciência” enquadra os estrangeiros como parasitas sociais, um lixo da social democracia, dos comunistas. Aqui Sören insere o elemento do questionamento do Estado, e da forma de sua organização política, a democracia. Acima desses elementos está a pátria amada, a Suécia, contaminada pelos elementos que seriam estranhos a sua origem e história.

Em seguida, Sören “regride” à infância, na cena em que o mostra se afogando num lago. Neste momento, um olhar tenro de Jacob mostra o caráter de seu relacionamento com Sören. Este chora e ri, o que representa sua confusão sentimental diante do médico e também da vida. Sören se coloca no lugar de Jacob e passa a fazer perguntas sobre sua infância, indaga se sofria alguma

violência, invertendo o jogo, e aí temos a primeira menção à Auschwitz, elemento que será resgatado mais tarde. Jacob insere-se na casa de Sören e entrevista sua mãe, de maneira formal, com um gravador na mão, e ela aponta a existência de uma ligação afetiva com o filho na sua infância, que difere daquela vivida no contexto retratado. De modo geral, esse diálogo se insere nos testemunhos gerais apresentados no meio social, em que os pais não entendem o desenvolvimento das atitudes e mentalidades dos filhos e acabam ancoberando o verdadeiro problema.

A instabilidade na forma como Sören e Jacob entram em conflito, e o afastamento do jovem geram, como consequência, uma ansiedade em seu antagonista. A conversa dos dois em um bosque retoma o elemento de pertencimento e identidade, quando o médico declara que o medo sentido por Sören deve-se ao fato de ele se sentir refugiado, ou seja, um estranho no seu próprio contexto. A forma de contrapor o medo, para Sören, se dá pelo ódio, ou seja, é este elemento que oportuniza o seu espaço. Neste momento, Jacob reconhece que talvez não possa ajudá-lo, pois ele é amigo daqueles que Sören deseja expulsar, mas como Jacob vive na Suécia há mais tempo, Sören acha-o diferente. Pela ameaça da perda de seu interlocutor, Sören executa uma relativização, ainda que primária.

Após a primeira apresentação da mãe, Jacob agora conversa com o pai de Sören. Este diz que têm visto alguns garotos com o comportamento igual ao de seu filho, mas isso é problema deles, e nada pode fazer para intervir. Essa atitude de distanciamento e frieza é ressaltada mais ainda quando se insere uma cena que ocorre fora do diálogo, onde Sören é espancado pelo seu pai. Insere-se um elemento que perpassa todas as falas, mas não era até então visualizado. A execução dessa cena em câmera lenta colabora ainda mais para colocá-la no passado, mas carregada de um elemento dramático que parece ser vivenciada no presente.

Após todos esses embates, dá-se a abordagem sobre um tema fundamental relacionado ao neonazismo: o negacionismo e o revisionismo. A conversa ocorre no hospital, tendo ao fundo, uma parede branca. Ou seja, configura-se um ambiente de neutralidade para se contrapor duas visões sobre o mesmo tema. Sören argumenta que Auschwitz nunca existiu. Segue-se o seguinte diálogo:

“- Auschwitz nunca existiu. Por que caiu nessa?

- Existiu.

- Não existiu.

- Como você sabe?

- Você estava lá?

- Vivi de perto aqueles tempos.

- Era um campo de extermínio.

- Eu sei, você simplesmente também sabe.

- Havia duchas que chamam câmaras de gás

- Você tem o direito de odiar, são suas emoções, só não pode mentir sobre os fatos.

- Existem razões para reconhecer que Auschwitz não existiu.

- Você acha terrível que os nazistas tenham exterminado seis milhões de pessoas?”

O encerramento de Sören é impactante: “- Auschwitz é produto de Hollywood.”

Os revisionistas procuram cercar-se de uma cientificidade para a relativização e minimização dos fatos que não podem ser negados ou relativizados. Valendo-se de um pretense rigor com as fontes, qualquer brecha para um questionamento serve de argumento para seu embasamento. O fato de Jacob não ter estado em Auschwitz é utilizado por Sören como elemento contestador da experiência de Jacob. Para conferir um maior status político e uma maior “respeitabilidade”, além da relativização dos crimes, busca-se a vitimização da Alemanha e desresponsabilização de Hitler sobre o processo como um todo.

Cabe inserir aqui o questionamento do jovem Danny de *Tolerância Zero*, quando repreende um amigo neonazista, argumentando que se não houvesse existido os crimes, “- Então por que venerar o nazismo?” Uma contradição que faz parte da mobilidade do pensamento desses grupos. Os *Skinheads* são caracterizados como as “tropas de choque”, que não apresentam uma elaboração intelectual além do que executam.

O encerramento do filme ocorre novamente em um trem, após mais uma confusão em que Sören está envolvido. Novamente os dois antagonistas estão frente a frente, e quando Jacob indaga se pode esperá-lo em seu consultório, Sören silencia e confabula um sorriso irônico e de amargura. O encerramento da película tal como começou, mostra a idéia de um processo em andamento (a metáfora do trem representa muito bem tal aspecto), mas que não apresenta uma solução desejável, pois traz dor e sofrimento, próprios do contexto contemporâneo e cuja estação final, ainda não conhecemos.

Considerações finais

Fica demonstrado, a partir das películas, o fracasso da construção de uma sociedade que apresenta, no seu mecanismo social, o gérmen dos perigos inerente a sua própria destruição. O processo de desnazificação foi falho em diversos âmbitos, e a ideologia nazista permaneceu nas estruturas de toda sociedade.

Contudo, esses elementos são transformados no contexto seguinte, e os filmes analisados apresentam um bom panorama de um mesmo problema em dois países diferentes. Nem sempre as representações refletem o contexto social de forma fiel. Se os *Skinheads* apresentados nos filmes se configuram nos estereótipos visuais típicos, suas atitudes e comportamentos fogem desse padrão. O elemento religioso de *Tolerância Zero*, marcado pelo contexto de ascensão de novos misticismos e “religiões”, evidencia a preocupação do realizador do filme sobre o tema.

Também o enfoque dado ao jovem de *Um Skinhead no divã* é centrado na perturbação, em sua inquietação, sua depressão e desencanto com o mundo. Desde a década de 1970, a Europa vem perdendo diversos elementos que compõe a base do Estado de Bem Estar Social. A isso se soma o aumento da imigração e uma queda demográfica, que altera o olhar sobre os estrangeiros. Isso é muito bem abordado nos filmes. Cabe refletir sobre o tema, inserindo o debate para além do campo historiográfico, também no campo político, para que haja posicionamentonesse embate, já queo descuido fortuito pode trazer novamente o que foi evidenciadopela História: o genocídio, a incompreensão e o etnocentrismo.

Nota

1. Processo iniciado com a vitória dos Aliados após a Segunda Guerra Mundial que tinha por objetivo eliminar as influências do regime nazista nas estruturas sociais, culturais e políticas da Alemanha.

Referências bibliográficas

BRACHT, Alessandro. Skinheads: as origens britânicas de uma subcultura jovem (1968-1971). **Histórica**. Porto Alegre, n 7, p. 149-166, 2003 .

CASTELLS, Manuel. Às armas contra a nova ordem mundial: a Milícia Norte-Americana e o Movimento Patriótico dos Anos 90. In **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 108-123.

CYTRYNOWICZ, Roney. As formas de lembrar e a história do Holocausto. In: Milman, Luís (org). **Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000. p.183-193.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRAUSE-VILMAR, David. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo; desafios para uma ciência e para a educação política. In: Milman, Luís (org). **Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000. p.97-114.

LOPEZ, Luiz Roberto. **Do Terceiro Reich ao novo nazismo**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 1992.

MILMAN, Luís. Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual. In: MILMAN, Luís (org). **Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000. p.115-153.

RODRIGUEZ JIMENEZ, José Luís. Racismo e Extrema direita em Estados Unidos. In: **Nuevos fascismos?** Extrema derecha y neofascismo em Europa y Estados Unidos. Barcelona; Península, 1998. p, 137-160.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, Luís (org). **Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000. p. 17-46.